



## **A GEOGRAFIA DO LUGAR EM UMA LINGUAGEM DO COTIDIANO THE GEOGRAPHY OF THE PLACE IN A DAILY LANGUAGE**

SILVA, Eunice Isaías da<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente texto discute a ampla possibilidade da linguagem de quadrinhos, especialmente para o ensino-aprendizagem de conteúdos de Geografia. A partir de uma análise conceitual, aborda o seu potencial didático-pedagógico avaliado em quadrinhos selecionados e indicados para mediar ao estudo de lugar geográfico. A relevância dessa produção cultural é principalmente pela sua popularidade e fácil acessibilidade, além de permitir múltiplas interpretações e diálogos pela sutileza, ironia, perspicácia, crítica etc. associada à imagem, texto e subtexto.

**PALAVRAS-CHAVE:** quadrinhos; lugar; imagens; Geografia; interpretação.

### **ABSTRACT**

The present paper discusses the wide possibility of the comic language, especially for the teaching-learning of Geography contents. From a conceptual analysis, it approaches its didactic-pedagogical potential evaluated in selected and indicated comic to mediate to the study of geographic place. The relevance of this cultural production is mainly due to its popularity and easy accessibility, besides allowing multiple interpretations and dialogues for subtlety, irony, acumen, criticism, etc. associated with image, text and subtext.

**KEYWORDS:** comics; place; images; Geography; interpretation.

### **PALAVRAS INICIAIS**

Este artigo divulga um dos resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado *As tiras da Mafalda: conteúdos de Geografia na linguagem de quadrinhos*<sup>2</sup>, que teve como objetivo principal analisar uma produção cultural popular (a linguagem de quadrinhos), com a proposição de indicá-la como recurso didático-pedagógico, a fim de consolidar a produção de conhecimentos geográficos.

Esta etapa de investigação teve como enfoque a Geografia local: a cidade de Goiânia e o estado de Goiás, em geral. Paralelamente à análise dos programas de

<sup>1</sup> Professora Adjunta na Universidade Federal de Goiás (UFG). e-mail: euniceisaias@gmail.com

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa selecionado pelo Programa bolsas de licenciatura da Universidade Federal de Goiás – Prolicen-UFG (2010/2011-2012/2013).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

disciplinas do ensino básico que tratam desta temática, selecionaram-se tiras de quadrinhos, cartuns, charges que apresentam potencial para o estudo deste conteúdo. Além da seleção de textos no livro *Toda Mafalda*, pesquisou-se, também, em outras obras que divulgam a linguagem de quadrinhos e que possibilitam o estudo da cidade de Goiânia ou do estado de Goiás. Neste caso, recorreu-se ao jornal *O Popular*, ao livro *10 anos com Mafalda*, ao *Blog* de Jorge Braga.

Os quadrinhos escolhidos foram organizados conforme a relação com o estudo geográfico de cidade ou de Estado e agrupados de acordo com temas da Geografia escolar, tais como: cidade-campo, economia urbana, gestão da cidade, ambiente urbano, lugares da cidade, sociedade urbana, estado-região. O conjunto de quadrinhos, resultante da seleção e análise, está disponível na página da Internet do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – Universidade Federal de Goiás (Cepae-UFG)<sup>3</sup> e poderá ser utilizado pelos professores, especialmente os de Geografia, em suas atividades didático-pedagógicas.

Num momento em que a linguagem visual, em suas diversas formas, expressa conteúdos do mundo vivido, percebido e concebido, espera-se que esta iniciativa contribua efetivamente para a motivação de professores e alunos na prática de ensino-aprendizagem de Geografia, principalmente ao se considerar as múltiplas possibilidades da interpretação e compreensão da linguagem de quadrinhos. Os quadrinhos, ainda que selecionados pensando na Geografia local (Goiânia, Goiás), permitem uma interpretação mais ampla que pode ser relacionada a outras cidades do Brasil e do mundo.

Inicia-se a exposição desse trabalho com uma discussão sobre os diferentes tipos de quadrinhos, forma de leitura e interpretação, sua função cultural e educativa. Em seguida são demonstrados alguns resultados da pesquisa e suas possibilidades para o estudo de conteúdos geográficos.

### **AS DIVERSAS PERSPECTIVAS DOS QUADRINHOS**

É indiscutível que a produção cultural seja uma importante aliada do ensino escolar. Vários conteúdos da escola seriam mais bem compreendidos e internalizados com a utilização de obras literárias, de artes plásticas, de canções, de peças teatrais, de imagens, de gibis ou outros quadrinhos, entre outras tantas produções culturais. Entretanto, o professor deve considerar que o arcabouço cultural que cada aluno traz de sua experiência interfere em seu olhar. Mas isso não significa que essa cultura vá permanecer a mesma – aliás, se isso acontecer, a escola não atingiu o seu objetivo formativo. Entende-se, também, ser papel dos agentes da escola estimular e socializar o conhecimento das várias formas de expressão cultural, orientando e fornecendo elementos para uma análise crítica da realidade (SILVA; CAVALCANTI, 2008a, 2008b).

<sup>3</sup> A seleção de quadrinhos pode ser acessada em: <<http://www.cepae.ufg.br/pages/46608-conteudos-geograficos-de-goiania-e-de-goias-na-linguagem-de-quadrinhos>>.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

Esses recursos didático-pedagógicos necessitam ser antecipadamente selecionados, conforme os objetivos das ações educativas, a fim de motivar, aprofundar o estudo e despertar o senso crítico, por meio de atividades artísticas e lúdicas que permitem a avaliação acurada do objeto analisado. As tiras de quadrinhos, os cartuns e as charges apresentam potencial para mediar o ensino-aprendizagem escolar, uma vez que a sua leitura exige a interpretação, tanto de imagens, quanto de texto. Para a sua compreensão em profundidade, é necessário relacioná-la a outros textos, promovendo o diálogo e a crítica atenta, entre as pessoas e entre vários textos.

Um dos representantes dessa produção cultural é a revista em quadrinhos (HQs), que no Brasil é chamada de "gibi" (CARVALHO, 2006; VERGUEIRO, 2005a; RAMOS, 2008; VERGUEIRO, RAMOS, 2009). De acordo com esses autores, o gibi pode ter uma ou mais histórias completas e com personagens fixos e veicular conteúdo infantil ou adulto. Ele costuma ser objeto das primeiras leituras das crianças e segue alguns adultos vida afora. É com esse entendimento que Silva (2002, p. 42) declara: "muitas pessoas iniciam seu gosto pela leitura a partir de quadrinhos". Dessa declaração depreende-se que, não raro, descobre-se o prazer da leitura por meio do gibi, podendo, posteriormente, desenvolver o gosto por outras leituras mais complexas, como as obras literárias, as charges (digitais ou não), os cartuns, os livros teóricos ou científicos. Essa é uma constatação que corrobora a legitimidade do trabalho com tiras de quadrinhos e similares nas atividades escolares.

Observa-se o aumento no uso de tiras de quadrinhos e similares em determinadas escolas, bem como em provas de processos seletivos. Como é bastante divulgado pelos meios de comunicação, esse tipo de produto cultural cotidiano já faz parte da rotina de algumas pessoas. Logo a facilidade de acesso, aliada ao fato de tratar-se de uma leitura interessante, envolvente, questionadora, instigante, justifica o emprego de quadrinhos para mediar o ensino escolar, permitindo empreender discussões com certo rigor científico a partir de elementos da vida diária. Nesse sentido, Ramos (2009) constata que, hoje

vê-se uma outra relação entre quadrinhos e educação, bem mais harmoniosa. A presença deles nas provas de vestibular, a sua inclusão no PCN (Parâmetro Curricular Nacional) e a distribuição de obras ao ensino fundamental (por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola) levaram obrigatoriamente a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e a para a realidade pedagógica do professor.

Charge, cartum e tiras de quadrinhos apresentam entre si algumas diferenças estruturais, contudo Moretti (2013, p. 1) orienta que "não é fácil estabelecer uma diferença definitiva entre essas formas de arte". Ele salienta que, enquanto a charge utiliza muitas vezes a caricatura, o cartum raramente o faz. Este surgiu depois da charge e seus personagens são criações do autor, que os desenham em um único quadro. Moretti (2013, p. 2) explica, ainda, que "a forma do cartum é universal,



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

atemporal e não-percível”, ao contrário da charge, que geralmente é datada e localizada geograficamente. Normalmente, ambos contêm críticas sociais e políticas. Já as revistas em quadrinhos são mais versáteis, com uma perspectiva mais ampla: podem ser críticas, esotéricas, infantis, adultas etc. O autor orienta que elas

[...] têm personagens e elenco fixos, narrativa sequencial em quadros numa ordem de tempo onde um fato se desenrola através de legendas e balões com texto pertinente à imagem de cada quadrinho. A história pode se desenvolver numa tira, numa página ou em duas ou em várias páginas (revista ou álbum). É óbvio que para uma história ser em quadrinhos ela precisa ter no mínimo dois quadrinhos (ou cenas). A *tira* diária é uma exceção, pois, às vezes, a história pode ser muito bem contada em um só “quadrinho” (o espaço da própria tira), mas isso não a torna um cartum, apesar da proximidade (MORETTI, 2013, p. 2, grifo do autor).

Para ilustrar o que se considera cartum, um bom exemplo é o “Amigo da Onça”, inspirado em uma famosa anedota<sup>4</sup> muito difundida no início do século XX. O personagem, de humor ferino, satírico, irônico, crítico de costumes é uma criação de Péricles, publicada de 23 de outubro de 1943 a 3 de fevereiro de 1962, principalmente na revista *O Cruzeiro*.

Na Fig. 1, observa-se que o autor satiriza programas de televisão, que fazem sensacionalismo, ao provocar expectativa no telespectador, adiando as conclusões – tática mantida ainda hoje para garantir audiência. O Amigo da Onça, personagem fixo de Péricles, anuncia: “*A continuação desta receita darei na próxima semana!*” A dona de casa, que já estava preparando a receita, fica visivelmente desesperada.

No cartum: “O Amigo da Onça” (Fig. 1), verifica-se que além do personagem fixo, ele é atemporal e universal. É só um quadro, como quase todos os cartuns, e envolve uma situação social corriqueira.

4

“Dois caçadores dividem uma barraca.

Um deles pergunta:

-E se aparecesse uma onça agora?

-Eu dava um tiro nela.

-E se você estivesse sem arma?

-Eu usava o facão.

-E se você não tivesse facão?

-Eu subia numa árvore.

-E se não tivesse árvore?

-Eu corria.

-E se você estivesse paralisado de medo?

-Pô, você é meu amigo ou amigo da onça?”

(Narrativa de domínio público).

Figura 1 – O Amigo da Onça



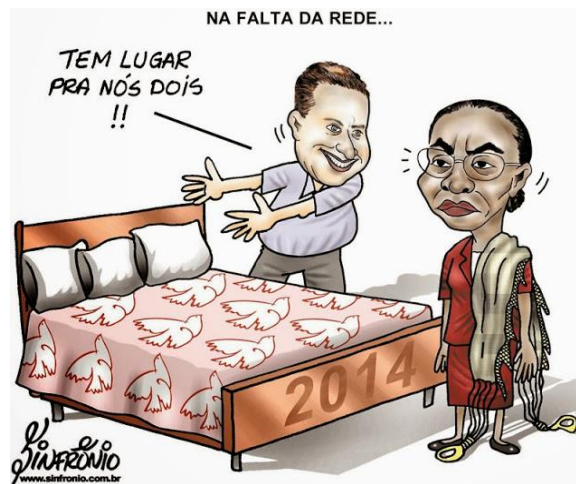
Fonte: Soares (2008. Adaptada).

Diferentemente, a charge costuma ser mais limitada e específica para um tempo e lugar. Para entendê-la, é necessário reconhecer os personagens e o contexto a que ela faz referência. Ela costuma exagerar determinadas situações e normalmente contém crítica política e social. Às vezes, utiliza caricaturas de personalidades conhecidas do cotidiano. Palavra de origem francesa, charge pode ser traduzida como tensão, carga, exagero, ataque. Carvalho (2006, p. 16) conceitua-a como “um desenho de caráter crítico exagerado, que se refere a uma situação específica no âmbito social, cultural ou público. Justamente por isso, ela é um importante elemento histórico e está atrelada a determinada época ou acontecimento”.

A charge contém fatos fictícios, porém se refere a fatos reais, daí a necessidade de agregar outras informações, para sua maior compreensão. Coscarelli (2007, p. 66) reverencia o dinamismo desse tipo de produção ao dizer que, “além de ser um gênero que favorece a criação de *links*, por ter muitas lacunas e possibilidades interpretativas, a charge traz em si uma característica interessante: mesclar ficção e realidade de uma forma particular”. A Fig. 2 traz um exemplo de charge.



Figura 2: Um momento político



Fonte: <http://desmanchanoar.blogspot.com.br/2014/04/corruptao-problema-nosso.html>

Para ser interpretada e compreendida, essa charge necessita ser contextualizada. A presidenciável Marina Silva não conseguiu o registro de seu partido *Rede Sustentabilidade* e fez acordo político com o então, governador de Pernambuco, Eduardo Campos do *Partido Socialista Brasileiro* – PSB. Nas imagens, percebe-se uma Marina visivelmente constrangida com uma rede nos ombros, que além de ser nome de seu partido, é um elemento muito utilizado para dormir na Região Amazônica, onde nasceu Marina. Eduardo Campos, com um jeito sedutor aponta uma cama com um lençol estampado com símbolos de seu partido e diz em uma frase ambígua que ali há lugar para os dois.

Essa charge, possivelmente, não seria compreendida em qualquer parte do mundo e, com o passar do tempo, ela perderá gradativamente o sentido, com o distanciamento temporal da situação abordada. Ela mistura ficção e realidade, ou melhor, aborda com criatividade aspectos de fatos reais, mas normalmente é mais limitada ao tempo e ao espaço.

Já a tira de quadrinhos apresenta ideias que podem alcançar maior amplitude e oferecer um discurso ligado a assuntos mais globalizados, como a Mafalda (Fig. 3), que dá margem a várias interpretações sócio-históricas e culturais. Pode, porém, ao contrário, tratar de temas mais localizados em um período e lugar específicos, principalmente em tiras diárias. Cumpre lembrar que as análises, compreensão e comentários desses quadrinhos não são os únicos possíveis. Eles podem ter diversas outras interpretações. Esta é uma das características dessa linguagem (SILVA, 2010, 2013).

Figura 3 – Tira de quadrinhos da Mafalda: globo terrestre



Fonte: Quino, 2003, p. 104.

Costumeiramente, o cartum e algumas tiras de quadrinhos apresentam conteúdos mais generalizados. Já a charge e as tiras diárias em geral apresentam temáticas mais particularizadas, normalmente envolvendo os problemas e as notícias recém-divulgadas, ligadas ao cotidiano do lugar da publicação. Contudo, mais importante que definir as especificidades dessas produções culturais é demonstrar a compreensão de seu discurso, daquilo que comunica. As tiras de quadrinhos e similares têm dois códigos de comunicação: o linguístico (signo verbal) e o da imagem (signo visual). É comum que esses dois códigos interajam; no entanto, um poderá ter preponderância sobre o outro. Algumas vezes, a comunicação é feita apenas com a imagem. Em qualquer caso a leitura da imagem é muito importante e pode sugerir a ideia de susto, movimento, alegria, tristeza, frio, calor, fome, medo. Às vezes, a própria forma da escrita das letras pode comunicar emoção e reação a determinadas situações. Por exemplo, a escrita trêmula representa medo ou frio; a frase escrita com letras grandes ou maiúsculas, grito; com letras minúsculas e fonte menor, cochichos. O enquadramento da imagem também tem os seus códigos: se o desenho pretende transmitir a sensação de poder, autoritarismo, importância, o personagem é desenhado em escala grande, em primeiro plano. Quando se quer mostrar as feições do rosto, é feito em plano de detalhe. Até mesmo o balão, que contém as falas, constitui importante recurso de imagem e pode ser objeto de interpretação. Se a ligação com o personagem for por meio de pequenas bolhas, significa pensamento. O balão com o contorno tracejado é para conversas cochichadas. E, assim, existem infinitas formas de expressão nos quadrinhos, que dependem da criatividade e do sentido que o autor queira dar à sua criação.

### **LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA LINGUAGEM DE QUADRINHOS**

Em vista do exposto até aqui, compreende-se que esses elementos culturais podem ser lidos pela imagem (linguagem visual) e pelo texto escrito (linguagem verbal). De acordo com Eco (1993) e Sitya (1995), essas produções culturais necessitam de interpretação e compreensão. Para esses autores, o texto tem intencionalidade e a interpretação da argumentação exige a consideração do tempo e espaço do enunciado e do interlocutor. Isto é, a significação depende de quem



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

fala, de onde está falando, de como e de quando fala. Sua compreensão subordina-se ao conhecimento e visão de mundo de cada um. Cirne (1972, p. 12) destaca que "é preciso saber ler formalmente os quadrinhos para que consigamos lê-los ideologicamente", não ficar apenas na superfície: ler as entrelinhas, aprofundar seu conteúdo. Na verdade, o que se faz é recriar o discurso dos quadrinhos. A sua leitura permite várias compreensões.

A capacidade da leitura de imagens é adquirida ou aperfeiçoada pela aprendizagem, como se aprende a linguagem verbal. Com essa indicação, ler imagens consiste em refletir e verbalizar sobre a mensagem que sugere ou transmite.

Alegria (2001) explica que, como uma imagem não é uma reprodução fiel da realidade, ela dá margem a várias leituras. E que, ao considerar a possibilidade de várias interpretações, o professor deve ser cuidadoso para não impor a sua própria leitura. O seu papel deve ser orientar a análise mais pertinente, segundo os objetivos do conteúdo estudado, sem descartar as outras representações possíveis.

De acordo com a referida autora, a linguagem da imagem e a linguagem verbal complementam-se, embora a linguagem textual costume ser mais valorizada no ensino e na sociedade de uma forma geral. A exceção são as fotografias que, às vezes, aproximam-se tanto do real que acabam sendo confundidas com ele. No entanto, Alegria (2001) ressalta que a imagem é uma forma de descrever a realidade e, na sua análise, constroem-se as interpretações.

A linguagem dos quadrinhos tem presença constante na sociedade atual. Vergueiro (2005b, p. 7) assegura: "sem dúvida, os quadrinhos representam hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular". Essa constatação apoia-se na verificação de que, mesmo com o aparecimento e concorrência de outras formas de comunicação, os quadrinhos continuam seduzindo um grande número de leitores fiéis. A atração pelos quadrinhos é explicada por Cirne (2000, p. 19) da seguinte forma: "a arte que não sabe seduzir não leva à paixão, não leva à reflexão". Dessa maneira, ele justifica a sobrevivência, na atualidade, dos quadrinhos, que têm origem em tempos remotos.

Desde muito cedo, as crianças criam desenhos para comunicar alguma ideia, como já o fazia o homem nas cavernas. Essa estratégia de comunicação é bem semelhante à das histórias em quadrinhos, em que, com o uso de imagem gráfica, transmitem-se mensagens ou ideias, muitas vezes, com ironia, irreverência e crítica. Segundo Cirne (2000), até os anos 60, a arte dos quadrinhos era considerada uma "arte menor" ou, pior ainda, condenada por grande parte da sociedade (principalmente pais e professores), que a via com maus olhos, considerando sua leitura perniciososa para os mais jovens. Atualmente, já é bastante aceita e reconhece-se que contém símbolos e significados que podem permitir uma reflexão questionadora. É um elemento cultural que, no entendimento de Cirne, pode até mesmo alcançar a dimensão da poesia. Ele esclarece que "pensamos quadrinhos





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

estética, política e culturalmente, acreditamos, inclusive, que poderemos pensá-los através de uma possível Poeticidade Libertária” (CIRNE, 2000, p.15-16).

A leitura e escrita podem ser permeadas pelo prazer (formalizado no riso), indignação, surpresa, criatividade, criticidade e riqueza de análise. Todas essas respostas podem ser alcançadas na leitura das tiras de quadrinhos, das charges e dos cartuns, cuja compreensão envolve a imagem e o texto, expresso pela escrita ou subentendido nos desenhos. Nos quadrinhos, tem-se a percepção do mundo pela observação do discurso, símbolos, sutileza das informações. É uma leitura muitas vezes agradável e, ao mesmo tempo, instigadora, irônica, mordaz, densa e que pode ser utilizada como instrumento auxiliar de ensino, para decodificar e interpretar o espaço vivido (SILVA, 2007).

A diversificação da linguagem e o exercício da imaginação permitem fazer a mediação de conteúdos escolares específicos, de acordo com os objetivos educacionais que se queira alcançar. Na visão de Vergueiro (2005b, p. 24), “os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema”. Sua escolha depende da análise do nível de conhecimento e capacidade de compreensão dos alunos. O seu uso pode ser indicado para iniciar o tema, aprofundar algum conceito, concluir algum estudo ou mesmo confrontar ideias, desde as séries escolares iniciais e até o nível universitário.

Essa produção cultural é um recurso de fácil acesso e de baixo custo. Silva (2005, p. 1) assinala que “outro aspecto importante na utilização de tais recursos é a sua proximidade com o cotidiano, pois estes são geralmente encontrados em jornais e revistas, tratando temas atuais, atemporais, divertindo e marcando épocas”. É fundamental destacar que esse tipo de leitura e interpretação amplia a capacidade de compreensão da expressão cultural e essa riqueza de análise proporciona uma maior reflexão questionadora das condições sociais, políticas e econômicas do lugar e do mundo. Esta gama de probabilidades polissêmicas apresenta potencial para discutir temáticas geográficas, além de possibilitar a realização de atividades interdisciplinares, o que pode ser verificado a seguir.

## **A SELEÇÃO DE QUADRINHOS**

A última etapa deste trabalho de pesquisa dedicou-se à análise e seleção de quadrinhos para estudar mais especificamente conteúdos da Geografia de Goiânia e do estado de Goiás, uma vez que há certa escassez de fontes de pesquisa e recursos didático-pedagógicos para esta temática mais local.

Os quadrinhos foram selecionados e organizados conforme a possibilidade de interpretação da geografia de cidade (Goiânia) ou de estado (Goiás). Os que permitiam uma análise de aspectos geográficos de Goiás foram distribuídos em dois grupos: cidade-campo; estado e região. Os que podiam se relacionar ao estudo da cidade de Goiânia em cinco grupos: sociedade urbana; lugares da cidade; gestão urbana; economia urbana; ambiente urbano. Alguns quadrinhos serão divulgados,

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

para exemplificar o resultado da pesquisa e algumas possibilidades de análise e interpretação.

Assim, a Fig. 4, ao ironizar a propalada qualidade de vida de Goiânia por meio de um carro em plena inundação em uma via da cidade, permite a discussão a respeito de condições de vida urbana, crescimento desordenado das cidades, infraestrutura urbana, microclima, ambiente urbano, cultura, dentre outras temáticas.

Figura 4: Inundação urbana



Fonte: O Popular, 1 fev 2013. Opinião, p. 6.

Já em uma das interpretações da Fig. 5 pode-se remeter ao comportamento padronizado da maioria dos jovens, que demonstram uma exacerbada dependência de equipamentos tecnológicos, tanto em espaços urbanos como em espaços rurais. Este imperativo transparece em momentos apropriados, ou não, em Goiânia-Goiás ou praticamente em qualquer lugar do Brasil ou de outros países.

Figura 5: Comportamento contemporâneo



Fonte: O Popular, 2 dez 2012. Magazine, p. 6.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

A Fig. 6 expõe de forma exagerada a situação das rodovias goianas, lembrando que este problema não é exclusivo do estado de Goiás, sendo que a sua análise pode proporcionar um diálogo a respeito de transporte, cidadania, infraestrutura, aplicação do dinheiro público, outros.

Figura 6: Rodovias goianas



Fonte: <http://jorgebragahumor.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2012 às 17:26.

Pelas imagens da Fig. 7, percebe-se estar na cidade de Goiânia, porque no terceiro quadrinho observa-se um desenho da antiga estação ferroviária, tombada pelo patrimônio histórico, localizada na atual Praça do Trabalhador. Na análise dos textos percebe-se uma comparação do comportamento no trânsito na capital de Goiás com o Distrito Federal, além de relatar uma outra forma de violência urbana. Com esta tira pode-se discutir ambiente urbano, trânsito e transporte, cidadania, cultura etc.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

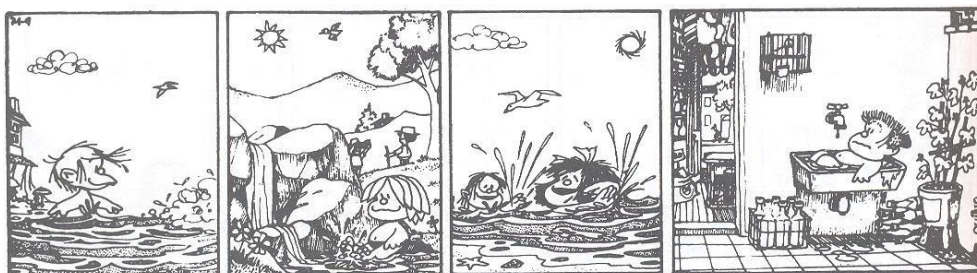
Figura 7: Violência urbana



Fonte: O Popular, 5 jan 2013. Magazine, p. 6.

A Fig. 8, por meio de imagens (não possui texto escrito), aponta a diferença de lazer no campo e na cidade. A partir desta sequência de quadrinhos pode-se conversar a respeito da relação campo-cidade, conceito de natureza, conceito de ambiente urbano, questionar se realmente o campo se opõe à cidade, além de outras interpretações pertinentes.

Figura 8: Campo X Cidade



Fonte: QUINO. *10 anos com Mafalda*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 94, tira 3.

Este último quadrinho (Fig. 9) traz uma ironia em relação à facilidade que o mosquito da dengue tem de se espalhar em determinadas cidades brasileiras, no caso Goiânia. Porque, mesmo com as diversas campanhas que tentam despertar a

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

consciência de responsabilidade de cada cidadão para a eliminação do mosquito e prevenção contra esta disseminação, a situação continua alarmante. Com este quadrinho é possível estudar ambiente urbano, cidadania e relacionar com outros problemas urbanos, além de outros temas.

Figura 9: Aeroporto



Fonte: O Popular, 15 fev 2013. Opinião, p. 6.

Estes são apenas alguns exemplos do material selecionado da linguagem de quadrinhos, ressaltando que a probabilidade de leitura, compreensão e interpretação é ampla e diversificada, o que torna este trabalho mais sedutor, notadamente no cruzamento das várias vozes em sala de aula, que vão tecer outro texto.

## **PALAVRAS FINAIS**

A análise dos códigos visuais e verbais dos quadrinhos e similares pode, sim, despertar o interesse pelo assunto, dinamizar as aulas, motivar o debate, permitir uma reflexão crítica sobre várias questões, porém não deve ser o único recurso didático, devendo integrar e complementar outras atividades para mediar satisfatoriamente a compreensão do conteúdo do livro didático ou de outros temas pertinentes à formação educativa. Vergueiro (2005b, p. 27) orienta: "deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes".

Com esse olhar, o uso de tal produção é um recurso que pode favorecer a interdisciplinaridade na escola. De acordo com Silva (2002, p. 50), o humor de uma maneira geral, "faz muito apelo à intertextualidade, utilizando frequentemente 'textos' de outros contextos. [...] Os discursos se tornam humorísticos apenas se o público tiver conhecimento a respeito de outros textos". Isto significa que a compreensão de uma charge, tira de quadrinhos, tal como dos textos de comédia ou mesmo das anedotas, dos gracejos, exige conhecimentos de várias áreas. É importante ressaltar que os cartuns, tiras de quadrinhos e charges somam uma





DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

produção que não deve ser compreendida apenas como humor, pois o seu conteúdo, quase sempre envolve temas relevantes da vida social. Esse é mais um motivo para que a linguagem de quadrinhos seja indicada como constitutiva de um hipertexto, isto é, um outro texto produzido pela interligação de informações de textos diversos. Essa possibilidade legítima, ainda, o seu uso como uma proposta de trabalho interdisciplinar, por envolver vários saberes.

Foi nessa direção que Campos (1995), ao relatar uma experiência com charges na mediação do estudo de Língua Portuguesa no ensino básico de uma escola pública de Goiânia–GO, concluiu: “A charge é autenticamente interdisciplinar. [...] Ela deve levar o professor e o aluno a uma leitura de profundidade, a uma leitura que leve o leitor a criar dissertações e a pensar-repensar sua própria vida, sobre a realidade goiana e a brasileira” (CAMPOS, 1995, p. 25). Pode-se complementar, propondo a reflexão acerca da própria realidade do ser humano no mundo atual.

As tiras, cartuns e charges propiciam diversas leituras e, se sua interpretação for interdisciplinar, poderá resultar em uma produção de texto ou de hipertextos, com diversificadas informações de conteúdos relevantes para a aprendizagem. São atividades que podem ser realizadas em qualquer disciplina. E, no caso do ensino de Geografia, oferecem muitas possibilidades de mediar com consistência o ensino-aprendizagem de conteúdos geográficos.

## REFERÊNCIAS

ALEGRIA, M. F. Contributos para uma prática da leitura de imagens fixas. In: GAITE, M. J. M. (Org.). *La formación geográfica de los ciudadanos en cambio de milénio*. Madrid: Asociación de Geógrafos Españoles, Associação de Professores de Geografia de Portugal e Universidad Complutense de Madrid, 2001. p. 351-359.

CAMPOS, G. F. Leiturinhas. *Cadernos de pesquisa do ICHL*, Goiânia, n. 6, p. 33-36, 1995.

CARVALHO, D. J. *A educação está no gibi*. Campinas: Papyrus, 2006.

CIRNE, M. *Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada*. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

COSCARELLI, C. V. A leitura de hipertextos: charge. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB M. *Linguagem e educação: fios que se entrecruzam na escola*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. p. 65-88.

ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

<http://desmanchanoar.blogspot.com.br/2014/04/corruptao-problema-nosso.html>.

Acesso em: 8 set 2014.

<http://jorgebragahumor.com.br>.

MORETTI, F. Qual a diferença entre charge, cartum e quadrinhos? Disponível em: <<http://oblogderedacao.blogspot.com/2013/01/qual-diferenca-entre-charge-cartoons-e.html>>. Acesso em: 18 out. 2013.

O POPULAR. Goiânia: 2012-2013.

QUINO, J. L. *10 anos com Mafalda*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

QUINO, J. L. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos. Disponível em: <<http://www.gel.org.br>>. Acesso em: 7 mar. 2008.

SILVA, D. B. M. A charge em sala de aula. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/03.htm>>. Acesso em: 18 out. 2005.

SILVA, E. I. *A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: charges e tiras de quadrinhos no estudo de cidade*, 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

\_\_\_\_\_. Charge, cartum e quadrinhos: linguagem alternativa no ensino de Geografia. *Revista Solta a Voz*, Goiânia, v. 18, n.1, p. 41-49, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Temas geográficos na linguagem de quadrinhos. In: SILVA, E. I. ; PIRES, L. M. (Orgs.) *Desafios da Didática de Geografia*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

SILVA, E. I.; CAVALVANTI, L. S. A Linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino-aprendizagem em Geografia. *Espaços da Escola*, Ijuí, v. 1, n. 1, p. 59-69, maio/dez. 2008a.

\_\_\_\_\_. A mediação do ensino-aprendizagem de Geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 141-156, jul./dez. 2008b.

SILVA, N. M. *Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos*. São Paulo; Fortaleza: Annablume; Secult, 2002.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.38191

SITYA, C. V. *A linguística textual e a análise do discurso: uma abordagem interdisciplinar*. Frederico Westphalen: Ed. da Uri, 1995.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, V. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 31-64.

\_\_\_\_\_. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, V. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 7-29.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.) *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.

*Recebido em 14 de novembro de 2018*

*Aceito em 21 de novembro de 2018*